

BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

A construção do brinquedo

No contato com a natureza a procura da madeira especial para construir as varetas – o bambu - eis o início.



A retidão inigualável do bambu, sua força em direção ao alto.

A sua flexibilidade aos ventos, fazem dele, um símbolo mágico muitas vezes utilizado para afastar más influências.

Textos japoneses identificam o bambu com a serpente.

Como o afinar de um instrumento, do corte ao bambu à preparação das varetas, as mãos do menino entram em sintonia com o material.

O tempo e o espaço tem a duração deste encontro.

Eles se isolam do que os circunda e uma séria e longa conversa, em silêncio, ali se inicia.

Das mãos surge uma dança marcada por um ritmo intenso e preciso, onde qualquer desvio de atenção desequilibra a harmonia.

A concentração ocupa o lugar. A atmosfera de preparação de um ritual se irradia.

As mãos tornam-se um instrumento natural de medição - um compasso - as distâncias entre os dedos vão determinando as simetrias,



cuja proporção o corpo já traz escrita em si mesmo. A determinação dos gestos conduz à firmeza do desenho.



BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

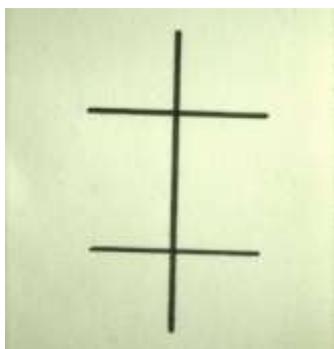


Da proporção correta surge o "ponto" de cruzamento entre as varetas. O centro deverá ser devidamente marcado.

O equilíbrio desta centração externa estampa-se simultaneamente no corpo do menino.

A mesma linha que cruzou as varetas, é passada através delas ligando todas as extremidades.

Completa-se a geometria com a inserção da forma quadrada ou retangular no círculo. No seu aspecto simbólico, o cruzamento das varetas, explicita o mistério do "centro", onde o eixo vertical diz sobre a atividade do céu e o eixo horizontal, sobre a atividade da terra.



O formato da cruz traz em si um significado de totalidade.

O centro da cruz é por muitos chamado de "a estação divina" o lugar onde se unificam os contrários e se resolvem todas as oposições.

A cruz de duas travessas, muito comum na estrutura das pipas brasileiras, identifica-se com a cruz do patriarca, ou a cruz de Lorraine, provinda dos gregos, significando a união das duas naturezas do homem - a humana e a divina.



Chega o momento da preparação da roupa a vestimenta da festa. O papel de seda cumpre esta cerimônia.

Entre a escolha das cores, o recorte e a delicada colagem, as mãos do menino vão suavizando seus movimentos.

Surge o desenho próprio daquela pipa - o seu reconhecimento no céu - a sua coloração.



BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

Segue-se a colocação do rabo.

Aqui o menino tece a cauda e configura-se o simbolismo da serpente, na energia ondulante, sinuosa, que ascenderá e equilibrará a pipa no seu trajeto viril, de força para acompanhar o vento, marcando o seu destino, que é o de subi cada vez mais alto.

Esta força criativa, operativa, o movimento de seguir em direção a uma meta, define uma qualidade de virilidade nesta brincadeira, onde ocorre uma participação maior dos meninos.





BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

O cerol

A luta pela sobrevivência no céu, onde vários empinadores disputam o espaço, desenvolveu recursos de ataque e defesa comumente marcados pela habilidade do empinador e pela utilização, ou não, do cerol em sua linha.

O cerol é um verdadeiro preparo alquímico.

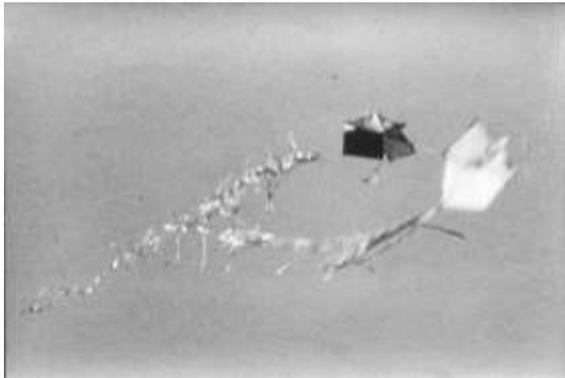


Cacos de vidro são transformado num pó mágico e cortante que, misturado com cola, é passado sobre a linha nos 20 metros próximos à pipa.

Esta mistura não é percebida pelo adversário pois fica quase invisível no fio. Torna-se assim um recurso para eliminar qualquer inimigo que se aproxima tentando cortar o seu trajeto.



BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA



Construir a pipa, fazê-la subir ao céu e retornar à terra - às mãos do empinador - é uma questão de honra nesta brincadeira.

Agora as mãos do menino participam da operação mais simples e mais precisa - a colocação do "estirante", da "chave", ou do "peitoral".

Novamente a geometria se faz presente no encontro do "ponto médio" onde será fixado o fio que ligará a pipa às mãos do menino.

Momento solene do qual irá depender grande parte do bom desempenho da pipa, - o equilíbrio - nem mais para um lado, nem mais para o outro - o ponto do meio.



Os metros de linha nº 10 são enroladas numa lata de óleo vazia, que vem representar a peça principal permitindo o dançar serpenteado da pipa e sua elevação cada vez mais alta no céu.





BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

O fio surge aqui como a mediação, a ligação entre o que está embaixo e o que está em cima - o céu e a terra.

Como o fio de Ariane, que simbolicamente representa o condutor do mundo das trevas para o mundo da luz.

Assim, o menino em sua eterna fantasia de querer ter asas e voar, brinca de ser o fio terra na sua aspiração de subir aos céus.

Preso ao solo, limitado pela lei da gravidade une-se o homem magicamente à frágil armadura de papel entregue aos movimentos das correntes aéreas.

Os mais antigos hieroglifos egípcios registram lendas sobre objetos que voavam controlados por fios.

Desde o seu início a pipa serviu de matéria lendária justamente pelo ingrediente mágico “da ligação do homem com o céu”.

Esta virtude tornava-o um objeto sagrado.

Este brinquedo antes de se tornar conhecido na Europa, no final do século XVIII, figurava no extremo oriente em práticas religiosas dos monges malaios, há mais de 3000 anos.

Na mitologia grega temos a asa desligada do seu ponto de contato com solo, em ícaro. Ao contrário, na brincadeira da pipa esta ligação é mantida.

A Terra e o Céu estão em comunicação direta. Há ligação entre a asa e jagodor.

Firmando, por certo, que é preciso que a alma esteja solidamente ligada à Terra para que ela suba alto e se alimente do vento e da luz.





BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

O empinar

Pronta a pipa, ela é levada com extremo cuidado pelo menino.

Ambos se aproximam de um campo aberto onde o conhecimento dos ventos determinará a escolha do lugar para soltá-la.

“A decisão de empinar depende do vento.

O vento é quem manda sempre.

Eu olho bem a direção da outra pipa e sinto a força do vento.

Quem sabe, considera o vento.

Trabalha com o vento.

A gente sabe pelo jeito da rabiola dançar se o vento está gostando da pipa...”

Em contato com o vento, este elemento da natureza, co-participante desta brincadeira, por certo o menino reestabelece uma conversa com as divindades inquietas que, segundo os gregos, personificados nos ventos, assinalam as direções no espaço.

Na antiguidade os ventos eram considerados instrumentos do poder divino; querendo comunicar suas emoções, da doçura mais sutil aos arroubos mais tempestuosos.

Eram os ventos considerados mensageiros divinos, equivalentes aos anjos.

Para chamar o vento; no Brasil, ainda se ouvem quadras como esta:

- “São Lourenço cadê o vento?

- Está na porta de São Bento.”

Repetem assim os meninos a invocação dos marinheiros e navegadores a estes dois santos:

Aquele que acalmava o vento nas horas de tempestade. Aquele que soltava o vento nas horas de calmaria.

Enquanto a pipa dança a favor do vento lá em cima, cá embaixo, firme na Terra, quase em espelhamento, o corpo do menino reflete em sua dança. Com estiramentos e alongamentos, a expansão do eixo vertical, principalmente dos órgãos colocam acima do diafragma.



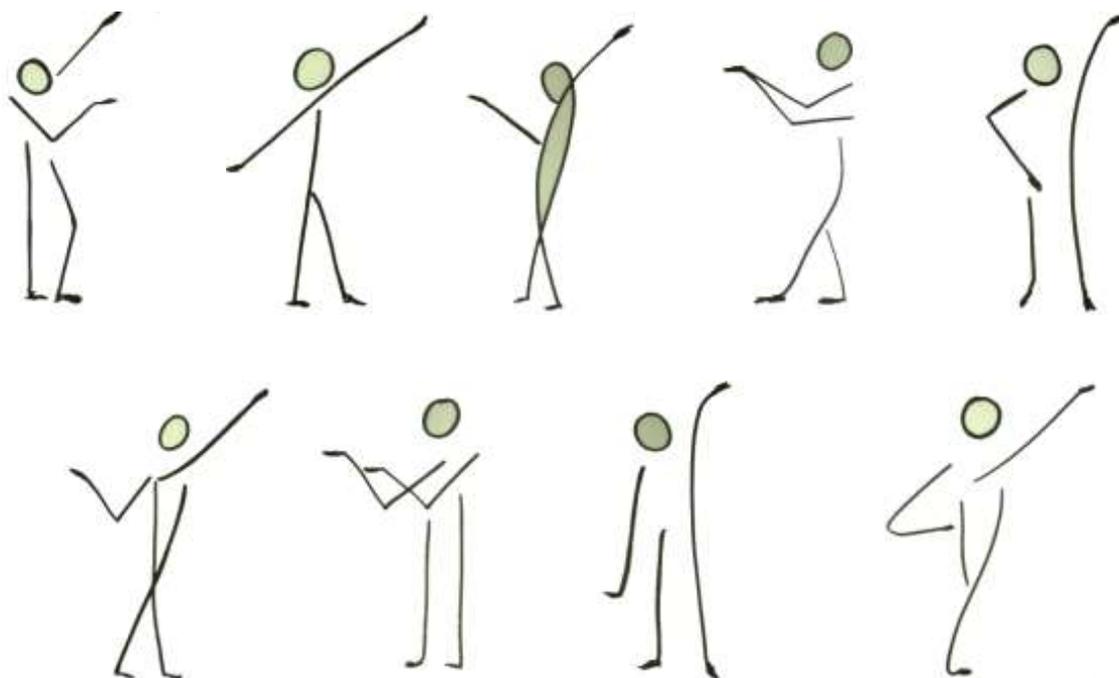


BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

Pés assentados ao solo, cabeça para o alto, caminhando para frente, para traz e para os lados, como se os houvesse espalhados por todo corpo, pois os olhos, propriamente ditos, não se desprendem do céu.

Soltam-se os braços em gestos amplos, alterando em sua dança movimentos mais lentos ou mais acelerados, marcados sempre por grandes respirações.

Assim acontecem uma coreografia própria desta brincadeira, coincidindo com as necessidades físicas das crianças.



Entre 7 e 14 anos, quando o corpo alonga e alarga a sua estrutura óssea investindo na sua verticalização e no seu assentamento ao solo.

O elemento ar se trona vivo.

Sua presença é sentida pela força que sobe e desce através do fio e faz movimentar no corpo do menino, justamente a região ligada à respiração.

O convívio rítmico, harmonioso, estabelecido através da brincadeira de pipa entre o elemento ar e o menino. Por certo plasma no corpo do homem o sinal da interdependência e dos significados mais profundos que permeiam os eventos em que são vividos momentos de comunhão entre o homem e a natureza.

Esta é a reminiscência, a nostalgia de passado e de futuro, o elo que permanece intacto, que consagra as brincadeiras espontâneas, fazendo-as permanecer através dos tempos, de geração para geração, em quase todas as regiões desse planeta, como uma necessidade vital de todos os homens e que as crianças, brincando, estão sempre a nos sinalizar.

Assim contam os meninos a sua relação direta com a natureza.



BRINCADEIRA TRADICIONAL - PIPA - UM ENCONTRO ENTRE O CÉU E A TERRA

Eles sentem visceralmente quando os ventos se anunciam e dizem:

“Agora é tempo das pipas.
Não tem dia marcado.
Dá na gente aquela vontade de brincar...
Quando a gente sente isso, começa logo a procurar o bambu para fazer as varetas,
e outro menino já sentiu também e todo mundo começa, aí, é o tempo da pipa.
A gente não aprende a empinar pipa.
A gente, eu acho que nasce sabendo.
De pequeno, fui olhando, olhando...
Fui ajudando e depois é só sentir aquela vontade que o vento traz e começar a
fazer a da gente.” Fala dos meninos de Carapicuíba.

E assim fala o poeta Carlos Drummond de Andrade:

“O bom da pipa não é mostrar aos outros.
É sentir individualmente a pipa dando ao céu o recado da gente.
Você solta o bichinho e se solta também!
Ele é a tua liberdade, teu eu girando por aí,
Dispensando de todos as limitações”

Este trabalho faz parte de uma pesquisa elaborada por:

Maria Amélia Pereira e Angela Pereira

1982 - Carapicuíba, SP.